

O BRINCAR E A BRINCADEIRA INFANTIL: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA RESTRIÇÃO PELAS NORMATIVAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

RAFAELA SOARES VILLAR¹; MAILA MADRUGA DA ROSA²; ALINE ACCORSSI³

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – rafaelasoaresvillar@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – mailamadrugadarosa@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – alineaccorssi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo surge a partir de um projeto de dissertação em andamento, o qual tem como objetivo principal investigar a hipótese de que a conquista da capacidade subjetiva de brincar possa ser influenciada ou aniquilada pelas normas de gênero e sexualidade, as quais incidem sobre as brincadeiras infantis. Em relação ao que nos referimos enquanto “conquista da capacidade subjetiva do brincar”, fazemos uma leitura em conjunto com o psicanalista DONALD WINNICOTT (1975/2019), que faz uma diferenciação entre o brincar e a brincadeira.

Cabe pontuar que consideramos a brincadeira central nos processos de educação e de socialização das crianças. Nesse sentido, compartilhamos da compreensão de educação exposta por VEIGA-NETO (2015) quando nos coloca a

(...) educação como a ação pela qual uns (que partilham uma mesma cultura) conduzem os outros (que se situam fora dessa cultura) - esses outros são aqueles que ainda não estavam aí, os recém chegados: os estrangeiros, anormais, estranhos e, no nosso caso aqui em discussão, as crianças. (p.53-54).

Tendo essa concepção em vista, consideramos que, apesar de trabalharmos com uma teoria do campo da Psicologia, estamos alocadas na Educação. Entendemos este ponto na medida em que pretendemos investigar este processo, apesar de trabalhar a partir de um conceito oferecido pela teoria psicanalítica.

2. METODOLOGIA

Em termos metodológicos, nos valem de uma inspiração no método da cartografia. Tal modo de pesquisa sugere que se experimente uma imersão e imprevisibilidade, na medida em que propõe que as metas surjam pelo caminho e, não, que o caminho seja guiado por elas, ou seja, “a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o méta-hódos em hódos-metá” (PASSOS, KASTRUP, 2020, p.10). Em nossa pesquisa, o movimento a ser cartografado será o contato com diários e composições ficcionais, bem como a construção de um personagem conceitual. Esses diários são compostos por escritas pregressas e por composições feitas ao longo do desenvolvimento de pesquisa. O personagem conceitual nasce na pesquisa como um espaço de construção de uma subjetividade que é erigida no encontro entre quem pesquisa e a temática pesquisada (ROLNIK, 2016; COSTA et al., 2022).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entendemos a infância enquanto tempo privilegiado para pensar questões relativas à tentativa de normalização, sobretudo no que se refere a gênero e sexualidade. Estamos de acordo e inspiradas por PAUL B. PRECIADO, quando coloca que “a criança é um artefato biopolítico que garante a normalização do adulto (2020, p. 70).” Nesse sentido, entendemos que há um olhar vigilante para as crianças, o qual busca garantir a manutenção de um modelo social.

Concebemos a infância para além de um período do desenvolvimento marcado apenas por uma temporalidade etária. Pensamos na *invenção* da infância e, sobretudo, de uma imagem específica de infância - a qual se refere, na maior parte das vezes, a aspectos relacionados à inocência, pureza e à exigência de proteção e cuidado (ARIËS, 1978). Sendo assim, há um esforço para a normalização das crianças para que pertençam a estes moldes; ou seja, a infância, enquanto um sintoma da modernidade (WEINMANN, 2018), é um dos dispositivos - criado e operado pelos adultos - que se impõe sobre a criança, na tentativa de moldá-la (ABRAMOWICZ, RODRIGUES, 2014).

No entanto, a criança, por vezes, resiste às tentativas de normalização. Essas crianças denunciam uma falha no modelo vigente e questionam às normatizações impostas - situação que pode gerar intenso desconforto nos adultos, os quais reagem na tentativa de retomar o controle. A criança, portanto, parece ser lida por vezes enquanto *perigosa* - na medida em que pode questionar algumas normativas - e, por vezes, *em perigo*, exigindo ser protegida, para não se transformar em perigosa. Esses pólos abordados enquanto “perigosa” e “em perigo”, relacionam-se com padrões de infâncias brancas, de classe alta e cisheteronormativas (ABRAMOWICZ, RODRIGUES, 2014).. Nesse ponto, pensamos que uma das formas das crianças expressarem a dissidência pode estar na brincadeira, sobretudo no que se refere a gênero e sexualidade, como podemos observar nas intensas restrições binárias conferidas às brincadeiras infantis.

Ressaltamos que trabalhamos com uma diferenciação entre o conceito do brincar e de brincadeira. A brincadeira é lida enquanto o ato comum, com brinquedos, dinâmicas, entre outros; o brincar, por sua vez, é lido enquanto uma capacidade subjetiva, adquirida - ou não - ao longo do desenvolvimento (WINNICOTT, 1975/2019). O brincar é “uma coisa em si”, que pouco importa seu conteúdo, mas, sim, “o próprio fato ou a possibilidade de fazer essa ação” (FULGENCIO, 2016, p.105). Fazemos, no entanto, o esforço de pensar de forma situada e implicada sobre a possibilidade de aquisição e interlocução entre ambas (a brincadeira e o brincar) e, sobretudo, seu viés social e político.

A vista disso, o ponto central da pesquisa está no aspecto de que a capacidade subjetiva do brincar parece estar inserida politicamente em um cenário em que as brincadeiras, enquanto uma expressão possível do brincar, são controladas e restritas por um ambiente normativo. Nesse sentido, entendemos a dupla “brincar/brincadeira” enquanto um dispositivo privilegiado para pensar questões referentes à infância.

É na possibilidade de brincar que o sujeito experimenta o mundo e, em certa medida, pode criá-lo e modificá-lo - ainda que de forma micro, na pequenez do cotidiano. Neste movimento de experimentação e possibilidade de transformação, ofertada pela capacidade subjetiva de brincar, o sujeito pode ter certa autonomia criativa diante do mundo que se apresenta (Winnicott, 1975/2019). Vale ressaltar que se trata de uma autonomia limitada, circunscrita

em um contexto e em diálogo questões materiais concretas. O sujeito, podendo brincar, “rearranja suas percepções e combina diferentes elementos em conformidade com a sua vontade, edificando uma nova ordem (GREEN, 2016, p.37).”

Essa nova ordem, erigida pelo sujeito por meio do brincar, para GREEN (2016), pouco faz referência a uma transformação externa de amplo impacto. No entanto, parte do que pretendemos com esta pesquisa, é discutir a importância do brincar para a possibilidade de criação, modificação e possível enfrentamento diante da norma - aspecto que poderia, se pensado coletivamente, resultar em impacto social significativo. No caso das infâncias, podemos ilustrar com a possibilidade de uma força disruptiva do questionamento e do potencial imaginativo infantil; o qual, por vezes, é tido como ameaçador e alvo de controle e tentativa de aniquilamento por parte dos adultos, conforme vimos. A teoria Winnicottiana nos dá bases para pensar algumas das condições para que o sujeito infantil possa desenvolver e sustentar seu potencial criativo, brincante e disruptivo.

4. CONCLUSÕES

Como considerações finais, ainda que de forma parcial, pensamos que o brincar pode conferir uma espécie de solo para que o sujeito possa imaginar e, posteriormente, construir outros cenários. Como se o sujeito brincante pudesse experimentar lampejos de criação que, possivelmente, o levam para a ação. É nesse sentido que pensamos ser possível articular a conquista da possibilidade de brincar à restrição das normativas de gênero e sexualidade, pois vejamos: se o brincar enquanto capacidade subjetiva permite que o sujeito crie e transforme, a sua aniquilação pode, diante do que pudemos observar até então, ser uma importante estratégia para a manutenção das normativas sociais, na medida em que restringe a possibilidade de ruptura com o normativo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOWICZ, A.; RODRIGUES, T. C.. **Descolonizando as pesquisas com crianças e três obstáculos**. Educação & Sociedade, v. 35, n. 127, p. 461–474, abr. 2014.
- ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- COSTA, L. A. et al . Escritas de si: por uma ética da experimentação ficcional. . **Rev. Subj.**, Fortaleza , v. 22, n. 1, p. 1-14, abr. 2022 .
- FULGENCIO, L. **Por que Winnicott?**. São Paulo: Zagodoni, 2016.
- GREEN, A. **Brincar e reflexão na obra de Winnicott**. São Paulo: Zagodoni, 2013.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L.; Apresentação. In: PASSOS, Eduardo, KASTRUP, V. , ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 7-16.
- VEIGA-NETO, A. Por que governar a infância? In: RESENDE, H. de. **Michel Foucault: O governo das infâncias**. Belo Horizonte; Autêntica, 2015.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2a edição. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2016.

WEINMANN, A. A infância e os impasses da modernidade. Almeida, D. M. de; Silva, G. Lima Felipe da; Nakagome, P. (Orgs.). **Literatura e infância** : travessias. Araraquara, SP: Letraria, 2018. p. 10-20

WINNICOTT, D. **O Brincar e a Realidade**. São Paulo: Ubu, 1975/2019.